

JOSÉ DÉCIO FILHO: O POETA E SUA POESIA*

Célia Sebastiana SILVA**

RESUMO

O presente trabalho é a apresentação de um poeta pouco conhecido, mas importante no panorama da literatura goiana, José Décio Filho, e de sua obra *Poemas e elegias*. Ressalta-se aqui a trajetória de vida desse “solitário vian-dante do mundo” que, em meio a uma literatura ainda anacrônica em Goiás, tem importância expressiva para a afirmação da poesia modernista goiana. É na obra desse poeta que vemos também como ele ultrapassa as fronteiras do localismo e dá ao seu canto um tom mais universal, ainda que baseado em dados de seu universo particular.

“Cada poeta é diferente, único, insubstituível. A poesia não é mensu-rável, não é pequena, nem grande é simplesmente poesia”, assim diz Octa-vio Paz (1984, p.176). Sem dúvida, a poesia não tem que ser medida, proto-colada e subscrita no universo da literatura como melhor ou pior, grande ou pequena. Ela simplesmente vai ser ou não poesia. Bandeira confessa-se poeta menor, Drummond é considerado poeta maior. Em que sustentação, porém, poderíamos nos amparar para dizer que um fez poesia grande e outro fez poesia pequena? É até possível gostar mais de um que de outro, mas eles são acima de tudo poetas. Diferentes, únicos, insubstituíveis.

* Adaptação de parte da dissertação de mestrado da autora, intitulada *José Décio Filho: um Poeta no Além-Fronteiras* e defendida em 2000 na UFG. A dissertação, que recebeu menção honrosa no Primeiro Concurso de Ensaio do Conselho Estadual de Cultura, foi indicada para publicação pela banca examinadora.

** Professora Mestre de Teoria Literária e de Língua Portuguesa na Unidade Cora Coralina da UEG e professora de Língua Portuguesa na Universidade Católica de Goiás – UCG.

É para um desses poetas, diferentes e únicos, que lançaremos um olhar mais detido. Trata-se de José Décio Filho, figura representativa no cenário da poesia modernista goiana.

Mais que um poeta diferente e único, José Décio se faz exceção também por sua obra, que é duplamente única. Única porque singular, por que irrepetível e única porque apenas uma: *Poemas e elegias*, publicada em 1953. O fato de ter escrito pouco, no entanto, não minimiza o valor de sua obra. Ao contrário, eleva-a, pois o poeta pôde primá-la pela qualidade. Temos notícia de que Décio escrevia e reescrevia seus poemas até que eles lhe apeteassem o gosto, muito exigente, diga-se.

Mas esse poeta de voz singular e valor inquestionável para o modernismo goiano é muito pouco reconhecido enquanto tal e também muito pouco conhecido. Por isso, faz-se necessário apresentá-lo e situá-lo nas letras em Goiás.

Justamente por acreditarmos que a poesia não é pequena nem grande é que num salto da poesia local para a nacional, é possível colocar José Décio ao lado de poetas representativos da poesia modernista brasileira. Com isso, não temos a intenção de sobrelevar o valor de Décio relativamente a outros poetas e escritores goianos, mas, tão somente, de mostrar como ele ultrapassa as fronteiras do localismo, inscreve-se na tradição literária e afirma a modernidade e o modernismo de sua poesia. Fica-nos evidente que, não obstante a poesia deciana se pautar por uma profunda singularidade, com ela também entrelaçam-se vozes igualmente singulares como as de Bandeira, de Drummond, de Murilo Mendes.

O eco dessas vozes na poesia de José Décio é significativo no sentido de que apresenta um poeta afinado com o seu tempo (ou até mesmo avançado para o seu tempo), numa época em que ainda era forte o anacronismo na literatura goiana.

É importante ressaltar que, ao nos referirmos ao atraso e ao anacronismo que marcou a cultura, a arte, a literatura, a poesia em Goiás, não queremos diminuir o nosso valor nesses âmbitos. Interessa-nos, apenas, constatar um dado que faz parte de nossa história, quiçá da nossa geografia.

Num tempo em que os meios de comunicação eram muito menos velozes que hoje, a condição de estado periférico convidava à lentidão no progresso cultural, muito embora não impedisse o aparecimento de talentos. Como prova, temos aí nomes bastante significativos projetados no cenário nacional. Hugo de Carvalho Ramos, Bernardo Élis, José J. Veiga, Gilberto Mendonça Teles, Afonso Félix de Sousa, Cora Coralina são alguns exemplos. E ainda porque, ao nos referimos ao atraso e ao anacronismo na literatura em Goiás, não falamos sozinhos. Gilberto Mendonça Teles, Oscar Sabino Júnior, Afonso e Domingos Félix de Sousa compartilham da mesma opinião.

À parte essas questões locais, vamos ver que Décio opta por um canto de dimensão mais universalista. E essa dimensão mais universalista se dá no sentido de que o poeta não se prende ao localismo e é por isso que seu canto vai além das fronteiras. Também, no sentido de que, o poeta, partindo de dados da experiência particular, consegue, pela força expressiva da linguagem e pela densidade humana dos temas, imprimir universalidade à sua poesia. A mesma universalidade que João Alexandre Barbosa aponta como “traço fundamental da modernidade do poema” (1986, p.30). Assim é que Décio canta a noite, a mulher, a angústia, a solidão, a loucura, a criança, a metrópole (por que não a província?) e canta, sobretudo, a si mesmo, colocando em questão a presença do eu autobiográfico na poesia.

Um percurso pela crítica sobre o poeta é significativo, no sentido de mostrar que ele não foi ignorado pelos estudiosos da literatura goiana. Vemos que três artigos sobre Décio Filho compõem o volume de *Poemas e elegias*. São eles: “Notícias de José Décio Filho”, de Haroldo de Brito Guimarães; “José Décio Filho - o homem e a poesia”, de Oscar Sabino Júnior e “Cala-se o poeta”, de Bernardo Élis. Destes, o primeiro e o último limitam-se à exaltação das virtudes do homem e do poeta; aos lamentos pela doença e pela morte de Décio e à exposição de fatos insólitos que lhe marcaram a vida singular.

Ponto em que nossa leitura comunga com esses artigos? Perceber José Décio transfigurado em elementos da natureza ou nos seres mais inocentes. Haroldo Guimarães diz: “Na verdade, nem chegamos a saber quem

ele foi: pássaro, criança, lobo solitário ou habitante de um mundo que vive no futuro do homem e só é pressentido no sonho dos poetas” (In: Décio Filho, 1979, p.80). E essa é a observação de Bernardo Élis a respeito de Décio, ao contar sobre quando o amigo, no último contato que tiveram, apresentou-lhe o poema “O peixe”: “era um peixe tão feroz na sua solidão, navegando e navegando ainda nos abismos noturnos do mar oceano em busca de alimento e de amor (...) Era estranho, másculo, terrível como sempre fora Décio” (In: Décio Filho, 1979, p.92).

Com relação ao artigo de Oscar Sabino Júnior, convém assinalar que é um material crítico importante a respeito da obra poética de José Décio. Publicado anteriormente como “Universo poético de José Décio Filho”, na obra *A nova poesia em Goiás*, de Gabriel Nascente, o artigo sofreu mudança de título, alguns recortes e algumas alterações ao ser colocado no anexo de *Poemas e elegias*. Nele, o crítico ressalta o anacronismo na literatura goiana e aponta o poeta como “um marco adiante na poesia de Goiás” (In: Décio Filho, 1979, p.84). E ainda, situa-o na corrente universalista da poesia brasileira, bem como mostra alguns pontos em que a poesia deciana se afina com a doutrina existencialista. Dentre esses pontos, o fato de estar sempre mergulhado em si mesmo, o tédio, a angústia, a solidão. Por fim, Décio é colocado pelo crítico como “a manifestação mais rica do lirismo” (idem, p.91) na poesia goiana.

Há, também, na já citada obra de Gabriel Nascente, um artigo de Amália Hermano Teixeira, “Lembrando José Décio”, em que a amiga, para quem o poeta escreve o poema “Canto das orquídeas” (p.60), dá informações biográficas sobre ele. Texto revelador no sentido de que é o único documento escrito que mostra o itinerário da vida de Décio, com dados bastante precisos.

Duas referências bibliográficas importantes para a literatura goiana dedicam espaço a José Décio, reconhecendo-lhe o valor de poeta e a importância de sua atuação no modernismo goiano. São elas: *A poesia em Goiás*, de Gilberto Mendonça Teles e *Síntese da história literária de Goiás*, de A. G. Ramos Jubé.

José Décio Filho é ainda citado nas seguintes obras: *Literatura contemporânea em Goiás*, de Brasigóis Felício; *Posse, história e poesia*, de Emílio Vieira; *Súmula da literatura goiana*, de Augusto Goyano e Álvaro Catelan; *Escritores de Goiás*, de Mário Ribeiro Martins; *Análises e conclusões I*, de Nelly Alves de Almeida; *A nova poesia em Goiás*, de Gabriel Nascente; *Quinquagésima hora & horas anteriores*, de Afonso Félix de Sousa, e *O conto brasileiro em Goiás*, de Gilberto Mendonça Teles. Este último, apontando Décio como contista. E o poeta é ainda citado no artigo de José Mendonça Teles, “Imprensa goiana: síntese histórica”, da *Revista Goiás de cultura* (revista do Conselho Estadual de Cultura), além de aparecer como escritor e como crítico em praticamente todos os números da Revista Oeste.

“Eu quero que o silêncio me acompanhe”, com esse verso José Décio Filho abre o “Poema do Silêncio”, que compõe a parte dos inéditos em *Poemas e elegias*. Curiosamente, esse querer, com veemência, a companhia do silêncio parece ter sido assimilado de tal modo no contexto da vida e obra do poeta que dele muito pouco se ouve falar. Mas, como afirma Afonso Romano de Sant’Anna, em análise da obra de Drummond, “A poesia é a melhor biografia que um poeta consegue de si mesmo” (1980, p.27). Nesse sentido, podemos dizer que José Décio se nos revela através de sua poesia. O homem, o poeta, o desajustado social, o solitário, todo o seu jeito de ser vai se delineando à medida que adentramos seus versos e sua linguagem densa e angustiada.

Em nossas constantes indagações no sentido de conhecer o poeta, não raras vezes ouvimos: “era um tipo estranho, que perambulava sozinho pelas ruas”. De fato, José Décio, segundo nossas pesquisas, perambulava sozinho, mas não só pelas ruas de Goiás, de Goiânia, perambulava também pelo mundo afora e principalmente pelo seu mundo interior. É ele próprio que confessa:

Já vi todos os horizontes possíveis
que limitam os incontáveis caminhos da vida.
Meus olhos já beberam sequiosos
as paisagens espalhadas pelo mundo,

numa viagem que empreendi, imaginariamente
através da experiência da humanidade inteira.
("Poema filosofal", p.74)

Ou ainda:

Solitário viandante do mundo
Vi paisagens impossíveis
aos olhos de muitos mortais. ("De regresso", p.37)

Um fato curioso, que reforça a idéia de que o silêncio foi o companheiro mais fiel na vida de José Décio, contado por ele próprio ao amigo Afonso Félix, diz respeito a uma situação em que, tendo sido apresentado ao escritor Rubem Braga no Rio, caminhou com ele por um bairro inteiro sem trocarem sequer uma palavra, em vista de uma personalidade também fechada do cronista capixaba. E o amigo Afonso conclui: "Quando ele tinha amizade com uma pessoa, era extrovertido, mas sem conhecer direito, não tomava iniciativa da conversa e daí não surgir a camaradagem".

José Décio de Sousa Filho nasceu no ano de 1918, em Posse, a terra branca de luar que ele canta em *Poemas e elegias*. Depois, viandante do mundo, muda-se com a família para Formosa, a cidadezinha de interior vestida de crepúsculo também cantada em poesia. Dali, adolescente solitário, vai para a cidade de Goiás fazer seus estudos secundários. De lá, vai para Goiânia, onde encontra espaço mais amplo para sua solidão, para suas longas elocubrações e para o desenvolvimento de sua intelectualidade fremente. Mas como declara no poema "Limite", "Minha alma é um descampado" e, como tal, não aceita limites, então, vai mais além e passa um período no Rio de Janeiro, onde a paisagem oceânica dá-lhe a exata dimensão desse descampado. Como náufrago-prisioneiro do mar, entrega-se a ele num diálogo silencioso, "inútil e infundável":

Tenaz solidão me escolta até o mar,
o grande devorador de horizontes e estrelas,
selvagem, estranho, belo como um Deus!
Suas ondas me embriagam de nostalgia
e nosso diálogo é inútil e infindável. (“Elegia azul”, p.77)

Interessante notar que José Décio, em sua temporada no Rio de Janeiro, não ficou apenas na contemplação da largueza do mar ou no desfrute da solidão da metrópole. Ele esteve, também, atuante no meio intelectual. Temos notícia, por intermédio do escritor Afonso Félix de Sousa, pessoa com quem ele estava sempre em contato no Rio, de que ele trabalhou na Fundação Getúlio Vargas, mas logo saiu em virtude de seu temperamento difícil. Atuou, também, rapidamente, na Revista *Leitura e*, segundo as mesmas fontes, ele ficava tentando, através, inclusive, do próprio amigo Afonso, travar conhecimento com grandes figuras da literatura nacional como Manuel Bandeira e Carlos Drummond de Andrade.

Essa condição de admirador de grandes vultos da poesia é significativa, pois a poesia deciana se delinea com marcas evidentes da influência desses poetas.

Fato curioso é que o poeta, muito embora cante as suas cidadezinhas do interior – Posse, Formosa, Goiás – numa visão muito terna, talvez os momentos de maior ternura da sua obra estabelecem quase que um jogo de sedução com a cidade grande.

É dela que se esquiva, mas é nela que se aproxima da liberdade que tanto almeja, o mar, não por acaso, aparece como um componente da paisagem da metrópole:

A metrópole – ninho de ruídos –
abre sua grande boca para me tragar
mas eu me esquivo e espero.
Ágil guerrilheiro do sonho,

vasculho meus esconderijos mais sutis,
contorno os muros andrajosos,
sobre o mar me debruço,
e no vôo ondulante da gaivota,
também sou a liberdade do pássaro. (“A longa espera”, p.55)

Testemunhando o que já fica evidenciado na poesia, é o próprio irmão do poeta, Dom Tomás Balduino, que depõe:

Ele se dava bem, e eu vi pela trajetória dele no Rio, com cidade maior onde, naturalmente, há mais espaço de solidão, de mergulho em si mesmo. A grande cidade protege mais as pessoas, até porque ele era um ser diferente, pelo jeito estranho. Em lugar menor, ele se sentia visado e se sentia enjaulado. (Cf.nesta edição *O poeta José Décio visto por D. Tomás*)

Limitado pela visão míope da província, obviamente, seu horizonte mais largo não entra em sincronia com o mundo. E o espaço limitado o sufoca bastante: “O pátio é um mundo restrito / onde vão brincar, as crianças / no colo das manhãs” e assim, quebrantado pela realidade exterior, foge para os espaços mais distantes, só possíveis na imaginação:

A fuga arma parábolas
em remotas distâncias
Pelo pátio respira a casa
e as lembranças batem asas
vão pousar muito longe. (“O pátio”, p.10)

Quanto mais o poeta vai se movendo pelos “incontáveis caminhos da vida” (“Poema filosofal”, p.74), mais profunda vai se tornando sua viagem pelas ilimitadas dimensões de tempo e espaço, ainda que imaginários, como se ele, de fato, assumisse a experiência da humanidade inteira. Vejamos:

Tenho dois mil anos de vida emprestada:
Vi Nero incendiar Roma e Jerusalém lavada em sangue
sofri as dores acumuladas dos séculos”(ibidem).

Mas o poeta, solitário viandante do mundo, como que numa volta ao colo materno, faz sua última escalada em Goiás. A cidade que ele exalta pelo “calor, tão materno” (“Goiás”, p.04) é a cidade que o acolhe para a morte. E, curiosamente ou até mesmo ironicamente, a morte de José Décio ocorrida no plano físico – ele dá um mergulho no Poço do Bispo e morre – é muito similar ao que ele declara no plano poético, aliás, no poema de abertura de sua obra:

Dei um mergulho em mim mesmo
num pulo de cabeça a baixo
Tudo lá no fundo está quieto
Como os caminhos abandonados;
a paisagem esfumou-se e confundiu-se
num apaziguamento de cansaço. (“Poema vertical”, p.01)

É dando um mergulho que o poeta, aos 58 anos de idade, vai ao encontro de si mesmo, no fundo de sua origem. E é assim que sua voz se cala e o silêncio faz sua última escalada:

E que o silêncio, na sua última escalada,
cubra cuidadosamente meu túmulo pobre,
como uma flor belíssima e dolorosa
de todos os meus sonhos irrealizados! (“Poema do silêncio”, p.68)

E é captando esse modo de ser silencioso e solitário de José Décio em vida, que o amigo e companheiro de poesia, Afonso Félix de Sousa, dedica-lhe, no artigo da morte, esta “Sugestão de Epitáfio” (1987, p.31):

José Décio Filho

8 – 1 – 1918

a

4 – 6 – 1976

Na sua existência inquieta

de poeta

aspirava José Décio Filho

à flor do silêncio e da paz

não à da glória e do brilho

agora entre ambas aqui jaz. (1987, p.31)

Se José Décio, em seu *post mortem*, recebe, realmente, a flor da glória e do brilho na sua inteireza, não é possível precisar ao certo, mas fato é que, mesmo marcado pelo silêncio, mesmo que dele se tenha falado pouco, muito se tem reconhecido sobre o valor do poeta. São quase unânimes as vozes de críticos, intelectuais e poetas como Gilberto Mendonça Teles, A. G. Ramos Jubé, Afonso Félix de Sousa, Domingos Félix de Sousa, Oscar Sabino Júnior, Bernardo Élis, Amália Hermano Teixeira, Brasigóis Felício, dentre outros, no sentido de reconhecer José Décio Filho como uma das principais expressões da moderna poesia goiana.

Pelo fato de ter sido um dos precursores da poesia modernista em Goiás, José Décio encontrou, como tantos outros escritores de vanguarda, resistência por parte das elites intelectuais e dos leitores que não se conformavam com as inovações estilísticas. É o que expõe Oscar Sabino Júnior:

A obra poética de José Décio Filho nasceu e começou a florescer num instante em que as tendências em nosso contexto cultural ainda se nutriam de um saudosismo romântico, anacrônico, na tentativa, malograda, de sobrevivência dos mesmos temas, dos mesmos ritmos, do mesmo vocabulário e do mesmo tecnicismo versificatório, que aboliam a originalidade e anulavam a espontaneidade. Empe-

nhavam-se as elites intelectuais em sustentar um neoromantismo acomodado dentro das formas tradicionais. (in: Nascente, G., 1978, p.229)

Já que estamos apresentando um poeta solitário, é importante abordarmos dois outros aspectos da vida de José Décio: vida amorosa e família. Sobre esse primeiro aspecto, temos notas de que as relações amorosas do poeta não foram das mais tranqüilas. Ele era dado a grandes arroubos de paixão, sentia-a no mais alto estado de arrebatamento, mas não conseguia sustentá-la por muito tempo. A esse respeito, o irmão D. Tomás depõe:

Ele teve experiências amorosas conflitivas. Eu, quando era seminarista, conheci José num desses momentos de apaixonamento fortíssimo, parecia que o mundo ia acabar. Acho que do outro lado também ele sabia cativar, sabia envolver. Não sei até que ponto (...) Nunca ele conseguiu sustentar uma relação permanente, nunca dentro do sistema, não porque ele era avesso a isso. Toda estrutura ele punha na conta da mediocridade. (Cf. nesta edição *O poeta José Décio visto por D. Tomás*)

Se considerarmos a postura conservadora e tradicionalista (ainda que hipócrita) da sociedade, particularmente em Goiás, há algum tempo atrás em especial, entendemos o porquê de José Décio não ter conseguido sustentar uma relação, tendo em vista ser um homem que fugia totalmente aos padrões da convencionalidade. Ser azul num mundo de amarelos é quase uma impossibilidade e José Décio, mais que azul, tinha o agravante de ser um desajustado social, alguém que não aceitava as “santas” convenções. Daí optar pela solidão.

A vulnerabilidade dessas relações no plano real é sublimada na poesia através do canto de uma mulher ora anjo, ora demônio; ora pura e virgem, ora sensual e felina, bem ao modo Manuel Bandeira:

As mulheres – todas elas! –
Rosa, Maria, Tereza ou Letícia,
(e as virgens ainda mais)
confundem os homens simples
nos seus mistérios e ardis. (“Canção noturna”, p.09)

Mas é na prosa, em que o cunho autobiográfico parece ficar mais transparente, que podemos perceber, com mais clareza, essa opção por uma vida mais solitária, mais desgarrada. Vejamos nesse trecho do conto “Desencontro” (Revista Oeste, 1943 n.07, p.14-15) em que o narrador-personagem, parecendo se confundir com o próprio autor, narra sua escolha pela solidão: “O caminho que ela me propôs devia ser o mais suave de todos os destinos. Entretanto, a vida larga e incerta, misteriosa e estranha, apresentava-se-me então como a mais invencível das tentações”.

Para Affonso Romano de Sant’Anna, “a família é a primeira matriz onde se exercita o conflito Eu e o Mundo” (1980, p.66). Em José Décio, percebemos que tal afirmação procede por ser a família a primeira referência para a criança, o adolescente, o jovem até que surjam outras matrizes e o conflito do Eu com o Mundo vá se avolumando. Sabemos que José Décio teve uma convivência mais próxima com sua família até a época de fazer seus estudos secundários, quando a deixou em Formosa e foi para Goiás, à época, a capital do Estado. E, através de conversa com familiares, temos notícias de que desde a infância esse conflito eu X mundo ou eu X os outros já se manifestava em Décio, pois ele tinha um temperamento difícil, “era crítico, irônico, às vezes fazia críticas muito mordazes em relação aos outros irmãos e irmãs”, lembra o irmão D. Tomás (Cf. nesta edição *O poeta José Décio visto por D. Tomás*). “Na família um ou outro elemento o acompanhou de mais perto, com mais carinho, mais compreensão, entendendo mais a situação dele”, acrescenta (ibidem). Essa situação a que se refere o irmão é o fato de que José Décio tinha personalidade fechada, vivia mais para dentro, para seu universo interior, para sua solidão que para o mundo exterior e isso o afastava bastante das pessoas. Além do mais, vivia no limiar entre o equilíbrio e o desequilíbrio, entre a lucidez

e a loucura, bebia, era agressivo por vezes, e essa é uma situação conflitante em qualquer meio familiar.

Ao mesmo tempo que viveu momentos de conflito na família, percebemos, também, momentos de ternura mútua, constatada, por exemplo, na voz emocionada do irmão D. Tomás ao falar de sua relação com o “mano”:

Eu pude ter um relacionamento, assim, com o mano numa linha muito profunda. Eu, de certa maneira, me sentia um pouco espelhado nele. Quer dizer, com todo meu equilíbrio de saúde, que ele não tinha, eu me seguia no mesmo diapasão daquele homem na sua visão telúrica, cósmica, das pessoas, das coisas, a ternura com relação à beleza da natureza. (Cf. nesta edição *O poeta José Décio visto por D. Tomás*)

O contraponto, a ternura de José Décio pela família, pode ser vista na poesia dele. O poema “Terra branca” (p.46-7), em que a saudade do poeta visita muito ternamente a “terra branca de luar” – Posse –, onde a família Balduino foi pioneira, é dedicado ao pai; no poema “Retrato”, em que Décio refere-se às “fundas correntes do sangue” que unem “em qualquer parte”, é possível entrever o retrato de uma irmã, afastada fisicamente, mas unida a ele pelo amor:

No retrato me visitas
com aquela mesma presença
de minha irmã de sempre.
Os tempos temperam o amor
e a fundas correntes de sangue
que viajaram noutros seres
nos unem em qualquer parte. (“Retrato”, p.30)

E na veia literária de José Décio, corre um sangue que vem de uma tradição familiar no campo das artes. O pai foi também poeta, o

irmão D. Tomás é sempre ressaltado pelos dotes de literato e de orador e um outro irmão, Álvaro Balduino de Souza, é considerado o “Pixinguinha” de Goiás, pelo fato de ser exímio flautista e compositor. Ainda é D. Tomás que afirma ter o irmão vivido a poesia desde o seio da mãe e mais que isso: “Em nossa ascendência está um homem como Monteiro Lobato e a gente se orgulha muito disso”. Vemos, assim, que José Décio, o “admirável poeta solitário”, como o denomina a amiga Amália Hermano (in: Nascente, G., 1978, p.223), não caminhou sozinho, pelo menos, na revelação de seus dotes poéticos.

Vale, também, dizer que José Décio, ao percorrer, pela poesia, os caminhos da loucura, ao colocar seu olhar curioso na mira dos seus irmãos párias, não deixa de olhar um pouco para si, de cantar a si mesmo. Assim é que ele faz, também, quando canta a província, quando canta a noite, quando canta a solidão. O poeta fala de si e fala, também, da diversidade e das adversidades de si, talvez por isso mesmo, o seu canto não esteja em desarmonia com o universo.

Décio fez uma poesia calma, serena no sentido de que distante do tom combativo dos modernistas de 22. Uma poesia marcada pelo silêncio. O único ruído que nela ressoa é, talvez, o da inquietação interior. Este sim se mostra altissonante para seus contemporâneos, para seus leitores, para toda a posteridade, enfim.

E, ainda que voltada para os próprios dramas, Décio não logrou um olhar atento para as dissonâncias do mundo exterior. Sob a ótica de ser solitário, o poeta comunga um sentimento fraterno mediante a dor e a miséria alheias; identifica-se com os párias e os *gauches* da vida; irmana-se a eles, não raras vezes, em seus poemas e, até mesmo, disfarça-se naqueles seres mais ínfimos. Isso constata o afinamento dele com o Modernismo e com poetas como Drummond, Bandeira e até mesmo com o mais contemporâneo Manoel de Barros.

Mas nos referimos anteriormente a uma poesia marcada pelo silêncio. Silêncio sobre o poeta. Silêncio do poeta. Silêncio cantado e invocado em suas poesias. Silêncio para o qual o amigo e poeta, Afonso Félix de

Sousa, chama a atenção em “Sugestão de epitáfio” (1987, p.31). Nesse sentido, Steiner diz que falar, assumir a privilegiada singularidade e a solidão do homem no silêncio da criação é perigoso. Falar com a força máxima da palavra, assim como faz o poeta “é sumamente perigoso”. Assim, até mesmo para o escritor, talvez mais para ele que para os outros, “o silêncio é uma tentação, um refúgio” (1988, p.59”).

Vemos que Décio, em sua “concha de quietude”, usando ainda palavras de Steiner (ibidem, p.69), refugia-se no silêncio, principalmente, “nos momentos agudos da vida, para / não extravasar os desesperos impotentes/ em blasfêmias torturantemente inúteis” (“Poema do silêncio”, p.68) e para proteger-se de “todas das insinuações perturbadoras” (ibidem). Obviamente, o poeta tinha ciência do perigo que é falar “com a força máxima da palavra”. Mas ele falou, e assumiu sua singularidade e solidão de homem no silêncio da criação, arriscando-se ao perigo. E o que eram apenas “insinuações perturbadoras” tomaram contornos mais exatos, muito embora, não tenham impedido que, da sua “lírica desordem (“Poema vertical”, p.01), saísse uma poesia extremamente lúcida.

Quanto ao silêncio sobre o poeta? O fato de se fazer um percurso detido pela vida e obra desse “solitário viandante do mundo” é já um ruído que, entrelaçado a outros ruídos existentes de críticos, poetas, intelectuais, pode formar um eco capaz de ressoar sobre esse silêncio.

Sabemos que Décio nunca aspirou à “flor da glória e do brilho” (Sousa, A. F, 1987, p.31). A sua necessidade de expressão e o seu despojamento estiveram acima de qualquer pretensão de reconhecimento literário. Mas, é só afirmando nossos valores que podemos “construir um patrimônio intelectual digno das nossas possibilidades”, para usar palavras do próprio Décio (R. Oeste I, p.19).

Enfim, é esse o poeta solitário, o poeta do silêncio e sua poesia aí está: silenciosa e escassa, mas lúcida, “original, pessoal, tão sincera e legítima como qualquer simplicidade”, pegando emprestadas as palavras de Mário de Andrade, aplicadas num outro contexto. E, por isso, podemos dizer que ler Décio é participar, em certa medida, do deciframento do homem, princi-

palmente do homem moderno, com suas angústias, suas tormentas, sua solidão, seu deslocamento no próprio mundo.

ABSTRACT

SILVA, Célia Sebastiana. José Décio Filho: o poeta e sua poesia, *Temporis(Ação)*, Goiás, v.1, n.5/6, jan/dez. 2002.

The work in question presents an important poet barely known in the literary panorama of Goiás, José Décio Filho and his masterpiece *Poemas e elegias*. It illustrates the trajectory of this "solitary world traveller" that has an expressive importance to affirmation of modern poetry of Goiás. We also can see in his work how he overtakes the frontier of location and adds to his song an universal tone, based in data from his particular world

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, J.A. *As ilusões da modernidade*. São Paulo: Perspectiva, 1986.

BOSI, A. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1988.

DÉCIO FILHO, J. *Poemas e elegias*. Goiânia: Bolsa de Publicações H. de Carvalho Ramos, 1979, 2.ed.

ELIOT, T.S. Tradição e talento individual. in: *Antologia de crítica literária*. Org. Albert d. Van Nostrand. Rio de Janeiro: Lidor, 1968.

FÉLIX DE SOUSA, A. *Quinquagésima hora & horas anteriores*. Rio de Janeiro: Philobiblion, 1987.

JUBÉ, A.G.R. *Síntese da história literária em Goiás*. Goiânia: Oriente, 1978.

PAZ, O. *Os filhos do barro: do romantismo à vanguarda*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

PESSOA, F. *Obra poética*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1998.

SANT'ANNA, A.R. *Carlos Drummond de Andrade: análise da obra*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

STEINER, G. *Linguagem e silêncio; ensaios sobre a crise da palavra*. São Paulo: Cia das Letras, 1988.

TELES, G.M. *A poesia em Goiás*. Goiânia: Ed. da UFG, 1983.

VALÉRY, P. *Variedades*. São Paulo: Iluminuras, 1991.